

Intolerância religiosa e poder

As recentes discussões e manifestações por causa das estátuas de entidades do panteão religioso afro-brasileira no Parque Vaca Brava em Goiânia levantam novamente a pergunta: *Quais são as razões que levam à intolerância religiosa, por vezes até com uso de violência?*

Como resposta a essa questão podemos, em forma de tese, afirmar: *por trás de manifestações (e práticas) de intolerância religiosa ocultam-se questões de luta por poder.*

Como desdobramento desta tese inicial há que se ter presente na reflexão a dimensão de que a *religião* é um elemento que participa fortemente *na estruturação das relações sociais e de poder dentro da sociedade*. Isso pode variar de um contexto para outro, de um espaço para outro. Em sociedades ditas ‘primitivas’, tal função pode ter sido mais dominante do que em sociedades ditas ‘modernas’. Em regra, porém, é assim que a *religião* tem servido e serve ainda como elemento *fornecedor de configurações* ontológicas ou metafísicas para a vivência e as práticas das pessoas no cotidiano. Isso significa que as “pessoas comuns” orientam o seu viver conforme crenças e doutrinas religiosas, porque tais conteúdos conferem *sentido à vida*.

Em termos de sociedade ocidental, o cristianismo tem tido quase um monopólio desta função de configurador. Movimentos de ruptura dentro do cristianismo, como a Reforma protestante no século XVI, não diminuíram este seu papel dominante, mas o reproduziram em espaços fragmentados e diferenciados por novas ênfases doutrinárias. As correntes de pensamento da Modernidade, afinadas com o Iluminismo e a racionalidade, aparentemente conseguiram minar de forma parcial esta hegemonia do cristianismo no Ocidente, provocando na maioria dos lugares uma separação entre Igreja e Estado, embora num cronograma diferenciado. Houve e há pensadores influentes que viram nisso um processo acelerado rumo à uma *secularização* da sociedade ocidental. Alguns destes, como o renomado sociólogo austríaco-americano Peter Berger, no entanto, passaram a rever esta tese, dizendo que o mundo atual está tão religioso quanto antes. As *formas da religião*, contudo, podem muitas vezes estar *camufladas* dentro da respectiva cultura.

Em toda religião parte-se do pressuposto de que existe um Transcendente que usualmente chamamos de Deus, como bem o expressa Maria Betânia numa de suas canções: “há um Deus, há um Deus lá nos céus que é capaz de ouvir a minha voz”. Este Divino se manifesta; é percebido por pessoas; essa percepção é uma vivência de fé que se expressa em crenças, mitos, ritos, práticas variadas. O elemento da fé ou do ser religioso, desde o seu nascedouro, traz a marca do humano. Nas *religiões* busca-se viver *respostas humanas* à existência e à manifestação do Sagrado.

Para entender a tese inicial de que por trás da intolerância religiosa ocultam-se projetos de poder, é importante destacar este *elemento humano nas religiões*. As doutrinas religiosas são gestadas e gerenciadas por pessoas em geral encarregadas ou instituídas de funções de liderança em algum segmento social. No caso do cristianismo, tais funções estão indicadas de forma variada em textos do Novo Testamento: pastores, profetas, apóstolos, diáconos, etc (Efésios 4). Na origem, são funções também plenamente executáveis por mulheres, como é atestado pelo apóstolo Paulo em sua Carta aos Romanos (cap. 16). O envio de apóstolos para todo o mundo para a pregação do Evangelho cristão, Batismo e formação de discípulas e discípulos foi entendido como tarefa de *cristianização do mundo*.

Numa perspectiva de fé, a qual eu também defendo, tornar-se pessoa cristã é obra da ação do Espírito de Deus na pessoa. O empreendimento da cristianização do mundo, porém, é um projeto de poder latente que tornou-se realmente efetivo com a aliança do cristianismo com o poder do Império Romano, desde a conversão do imperador Constantino e a elevação do cristianismo à religião oficial. A contestação deste poder estatal e religioso desencadeou conflitos, cruzadas e guerras sangrentas em vários momentos da história.

Em nosso contexto brasileiro, a *hegemonia cristã* através do catolicismo é uma *herança* daquela ‘aliança constantiniana’ entre religião e poder, concretizada em séculos de colonialismo e cristianização forçada através do domínio cristão português. Expressões religiosas próprias dos escravos africanos foram sacrificadas diante deste altar de poder.

Na história brasileira recente, a vinda de imigrantes europeus e asiáticos trouxe elementos religiosos distintos. Junto com as expressões religiosas dos escravos africanos e das comunidade indígenas autóctones, essas comunidades culturais e religiosas contribuíram para um pluralismo religioso maior em nossa sociedade, sem, no entanto, configurar rivalidade à religião dominante. A constituição republicana viria a conferir espaço de autonomia para os novos grupos dentro do princípio de separação entre Igreja e Estado. Somente os

movimentos evangélicos, pentecostais e neopentecostais, ao longo do século XX, contudo, entenderam como uma de suas tarefas estabelecer um confronto com o catolicismo e disputar efetivamente o poder (religioso) dentro da sociedade brasileira.

Essa disputa de poder religioso e político expressa-se como legítima dentro de uma sociedade entendida como democrática e marcada por pluralismo cultural e religioso. Deve-se, contudo, atentar para o fato de que propostas de evangelização como as que se expressam em fórmulas como “Goiânia é de Jesus”, “Brasil é de Deus”, etc. são projetos que carregam em si *desejos e projetos de poder de lideranças religiosas*. Isso não é diferente em outros contextos, como os países islâmicos em que a lei religiosa é afirmada como lei civil. Na sua essência, as estruturas de poder são similares; expressam projetos de poder. (66)

São, pois, os projetos de poder de lideranças religiosas humanas, mescladas a interesses políticos e econômicos, que levam à intolerância religiosa. *O outro* com sua expressão religiosa distinta é entendido como um *elemento a ser convertido* ou então *combatido* ou diabolizado a fim de que a própria expressão, entendida como a verdadeira, possa ser a dominante. Com isso perde-se o elemento fundamental das religiões que é *re-ligar* os seres humanos com Deus e interligar as pessoas numa dinâmica de amor, solidariedade e gratuidade para o estabelecimento de justiça e paz. Na proposta de Jesus Cristo, as pessoas cristãs são sal e luz e devem estar empenhadas na colocação de *sinais de paz através do amor*. Na ânsia de poder e da necessidade da afirmação da própria crença como a única verdadeira, perde-se a noção de *humildade* de que a nós humanos só é dado ver em partes, como o expressa o apóstolo Paulo: “Porque, agora, vemos como que em espelho, obscuramente, (...) no presente conhecemos em parte” (1 Coríntios 13). Isso também já dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade: “A Porta da Verdade estava aberta, mas só deixava passar meia verdade de cada vez. Assim não era possível atingir toda a verdade. Por que cada verdade trazia o perfil da meia verdade (...) Chegou-se a discutir qual a metade mais bela, nenhuma das duas partes era totalmente bela. E carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia”.

Intolerância religiosa pode ser *superada* quando o *poder é transformado* e exercido em *serviço* para a promoção humana, para justiça e a paz. É um constante exercício de humildade e de auto-crítica. Para finalizar, convém lembrar uma tese provocante do teólogo Hans Kung: “não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões”.

Haroldo Reimer

Doutor em Teologia, Professor no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás e Pastor da Igreja Luterana em Goiânia